

A Catedral de Brasília

OSCAR NIEMEYER

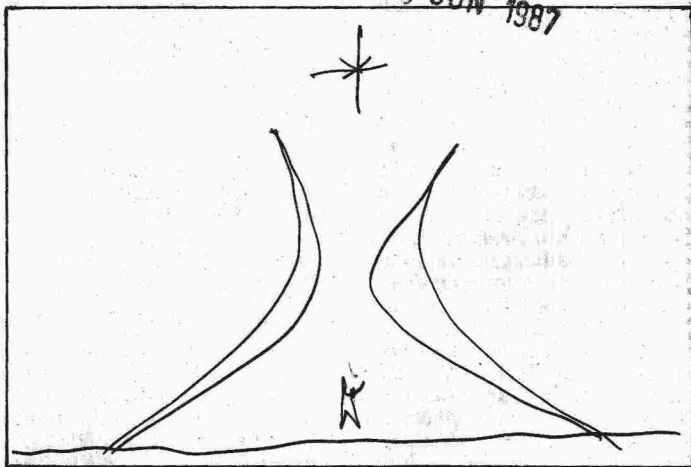
Primeiro surgiram os vãos menores, com vergas de pedra ou madeira; depois, os arcos a ampliá-los e a seguir as abóbadas, as cúpulas e as cascas extraordinárias.

Era a arquitetura a se organizar para os problemas da vida e da sociedade, para os programas que a revolução industrial iria depois multiplicar.

Se vocês abrirem, curiosos, um livro da história da arquitetura, verão como a conquista do espaço comandou sua evolução permanente. E isso é fácil verificar revendo as velhas catedrais, cada vez mais livres dos apoios, cada vez mais vazadas, a abrirem suas fachadas, antes, quase cegas, para o mundo exterior e os magníficos vitrais que tanto as enriquecem.

Sou de família católica, frequentel o colégio dos padres barnabitas, mas nem essas reminiscências da infância, nem os livros de Theillard de Chardin e o "sentimento oceânico" de que Freud nos fala, conseguiram me comover. As injustiças da vida e do mundo capitalista, nunca o permitiriam. Mas lembro com saudade da minha casa no Rio, na rua das Laranjeiras e um sentimento de respeito me acompanhou sempre nos assuntos da religião. Recordo minha avó a abrir uma das cinco janelas da sala de visitas — o oratório — e a missa dominical rezada em casa, com a presença da vizinhança. Era talvez a única mordomia que meu avô Antônio Augusto Ribeiro de Almeida, ministro do Supremo Tribunal Federal, aceitava. Homem austero que, como a nos dar um exemplo, deixou para a família apenas aquela velha casa.

E tudo isso deve explicar a atenção com que me dediquei



aos problemas da Catedral. Minha determinação de fazê-la diferente, recusando o aspecto sombrio, a lembrar pecados, das velhas catedrais. Abrindo-a, ao contrário, toda em vidro, para os espaços infinitos. Dando-lhe a leveza estrutural que o concreto armado sugere e só um mestre como Joaquim Cardoso poderia realizar.

E foi preocupado em criar um clima de beleza e contraste, de emoção e otimismo que criei a galeria escura que lhe dá acesso, desejoso de que os visitantes parassem surpresos diante da nave iluminada, toda feita de luz e de cor.

E depois, dentro do tempo curto que nos ofereciam, o meu empenho em convocar os artistas plásticos, inserindo assim na Catedral os belos trabalhos de Ceschiatti, Di Cavalcanti e Athos Bulcão, cercados pelo magnífico vitral de Marianne Peretti. Baseado em práticas antigas, preferi projetar o batistério fora da Catedral — seria mais um elemento a contar na composição, nele incluindo azulejos de Athos, sob a cúpula que Carlos

Magalhães tão bem realizou em concreto armado.

Durante anos a construção da Catedral de Brasília ficou paralisada e o sol a entrar, implacável, pela nave adentro. Entre seus visitantes, os mais inteligentes e sensíveis se espantavam vendo-a tão abandonada. Aos mais chegados eu procurava tranqüilizar dizendo que o vitral — indispensável para a proteção do sol — seria colocado; as incríveis cadeiras, substituídas; as colunas, pintadas de branco; o tapete, que a acústica reclama, já encomendado e que a Catedral seria toda refeita conforme seu desenho original.

Mas o tempo passava e a obra continuava parada, como se não constituísse o único ponto de atração, por todos visitado. Pela Catedral ninguém se interessava. Até os responsáveis pela cidade a tinham esquecido.

Agora, muitos anos depois, graças ao entusiasmo do governador José Aparecido, a recuperação da Catedral de Brasília foi iniciada e breve estará concluída. Só a ele devemos agradecer.

CORREIO BRAZILIENSE